



CARLOS ALBERTO DE TOLEDO

São Paulo (SP) - 08 de janeiro de 1949

São Paulo (SP) - 23 de dezembro de 1969

Estudante de Odontologia, 20 anos, filho de
Olga e Carlos Eduardo de Toledo.

Treze anos separam a família do Carlos Alberto de Toledo das vésperas do Natal de 1969, quando o jovem deixou nosso convívio.

Em informal diálogo com o Dr. Toledo, interessamo-nos em saber como a vida está fluindo para ele, a esposa e para os filhos, Antônio Carlos e Heloísa; se já houve alguma readaptação à nova realidade.

Textualmente nos disse o seguinte, o pai de Carlos Alberto:

“A perda de um filho, principalmente quando jovem e de morte repentina, seja por acidente, seja por doença, é o golpe mais terrível que um pai ou uma mãe pode receber. Muitos não resistem.

Quando inesperadamente, Olga e eu perdemos às vésperas do Natal de 1969 nosso querido e amado filho Carlos Alberto, jovem, bonito, alegre e bom, em acidente de moto, a nossa dor e o nosso desespero foram indescritíveis e duraram vários anos, sem se falar da saudade que sentiremos até o fim de nossas vidas, aqui na Terra.

Baldadas foram, então, as manifestações de carinho e as palavras de consolo de nossos filhos, genro e nora, parentes e amigos, pois estávamos inconsoláveis, e assim permanecemos por muito tempo.

Mas Jesus é misericordioso, pois, em

1973, na semana do Dia das Mães, minha esposa, repentinamente, manifestou incontida vontade de falar com Chico Xavier, exigindo mesmo que fôssemos a Uberaba naquele fim de semana, atitude que só se pode explicar em face de uma interferência espiritual, pois Olga era, até então, alheia ao Espiritismo.

Levados pelas mãos amigas de D. Zilda Rosin e, posteriormente, de querida amiga, D. Yolanda Cezar, passamos a manter com Chico Xavier estreita e carinhosa amizade.

E, graças aos seus ensinamentos e às mensagens de nosso filho por ele psicografadas, e à Doutrina Espírita-Cristã que aprendemos a cultivar em nossa fé religiosa, fomos aos poucos nos conformando com a irreparável perda de nosso amado filho.

Hoje, falamos de nosso Carlos Alberto, qual se estivesse ele trabalhando em outro País, enviando-nos cartas de quando em quando, do mesmo modo que ocorre à maioria dos rapazes que passam a viver longe dos pais.

As mensagens que o nosso amado Carlos Alberto nos tem, de tempos em tempos, enviado restituíram a mim e à minha mulher a alegria de viver.”

I

Minha querida Mamãe, meu querido Papai.

Agora, antes de tudo, a bênção que peço e que sempre foi a minha felicidade. E que tendo sido minha proteção, perante Deus, continua sendo a minha alegria.

Não compreendo bem o que está acontecendo. Será um prodígio que eu não esperava. Digo assim, porque a minha aflição por escrever tem sido grande. Roguei tanto estes minutos de papel e lápis para encharcá-los de amor que já nem acreditava na possibilidade que os benfeitores e mestres de meu novo mundo me facultam.

Mãos amigas ajudam as minhas e o pensamento vai tomando forma... Se fosse mesmo, querida Mãezinha, dizer tudo o que sinto agora, seria derramar-me em lágrimas de alegria e de saudade, de sofrimento e de esperança. Entretanto, reúno todas as minhas energias para rogar-lhe confiança em Deus e na vida.

Meu pai procura acalmar-nos e incli-

nar-nos para a resistência que, em verdade, nós dois não tínhamos; contudo, meu pedido é extensivo a ele igualmente. Pais queridos, procuremos viver.

A morte do corpo abre um período de ausência - de ausência suposta, porque não nos vemos pela força das leis vibratórias que nos separam - mas estamos presentes uns com os outros. A morte não é mais do que isso.

Não cogitemos de maneiras e circunstâncias, ocorrências e processos pelos quais isso se verifica. Pensemos tão-somente que a vida continua e é dessa vida que prossegue para mim que lhes falo.

Perdoem-me se lhes dei tanto motivo a tantas indagações e a tantas mágoas. Quem possuía um carro não precisava de moto. E quem usa moto possuindo um carro, decerto não pensa com segurança.

Tudo foi um momento de novidade, se bem saiba hoje que todos os acontecimentos da provação se submetem a leis que nós demoramos a conhecer. Estávamos conversando alegremente, tanto assim que trabalhei como pude para retirar dos companheiros a idéia injustificável de culpa.

Esperávamos o Natal. Fazíamos planos. Desde o domingo vinte e um, achava-me de idéia dependurada em passeios, férias, recreações e companhias para momentos de paz e restaura-

ção que viriam...

Atravessei a segunda-feira telefonando¹ e combinando, e na terça, antevéspera de nossa data festiva em casa, tudo era alegria e esperança em meu coração.

Quando o veículo deslizou desgovernado, com grande susto para mim, não mais tive idéia de tempo. A idéia se esvaiu na cabeça, a ton-teira cresceu, caí num abatimento que não sei contar como foi e ainda ouvi muitas vozes...

Depois, foi um sono pesado do qual despertei, muito depois.

Narrar o que senti é impossível. Se mamãe puder falar o que sentiu em matéria de sofrimento e se meu pai conseguir descrever o que experimentou em aflição, decerto estarão qual me ocorre! Sem palavras e sem qualquer outro meio de expressão.

Perguntei por todos, especialmente por vocês, e pelos irmãos; no entanto, minha avó Coleta e meu avô Arthur estavam ali, com médicos a me atenderem².

Não conseguia movimentar-me e nem gritar como desejava porque a cabeça doía muito, mas pouco a pouco, entendi tudo...

1) D. Olga confirma tal informação e lembra mesmo que chegou a chamar a atenção do filho, por não largar o telefone, naquela segunda-feira.

2) Avós, Coleta Mingrone Sanzi e Arthur Floriano de Toledo, desencarnados respectivamente em 1969, ano em que Carlos Alberto também partiu para a Vida Maior, e em 1935.

Meu avô Affonso, meu tio Paulo, irmã Cléa Rocha³ e outros amigos de meu avô Arthur me ampararam, mas a sua aflição e a sua dor, querida Mãezinha, até hoje me precipitam em grandes lutas comigo mesmo. As perguntas que faz são as que faço...

Por que não me guardei? Por que não pensei em suas lágrimas? E a nossa dor se agiganta como se nós dois, à frente de meu pai, nos entre-laçássemos a cada dia, nas mesmas algemas de pranto que precisamos deixar.

Ajude-me, querida Mamãe! Abençoe-me em paz como das outras vezes. Fite meus retratos com alegria. Sou o mesmo. Seu filho, aquele filho hoje mais velho de quem vocês esperavam tanto! Mas com a sua fortaleza, melhorarei para tornar-me mais útil.

Por agora, estou trabalhando, mas trabalhando com rendimento deficitário.

Ajudemos nosso irmão Carlinhos a superar as dificuldades em que se encontra. Façamos nossa Heloísa e nosso Flávio mais felizes⁴. Ainda agora procuro, de qualquer modo, colaborar com os três, na execução das tarefas que abraçam.

3) Affonso Sanzi, avô, Paulo Floriano de Toledo, tio-avô, falecidos em 1948 e 1967. Cléa Rocha, espírito abnegado que residiu em São Manoel, SP, terra natal do Dr. Carlos Eduardo de Toledo, genitor de Carlos Alberto.

4) Antônio Carlos de Toledo e Heloísa de Toledo Guimarães, irmãos de Carlos Alberto; Flávio Mindlin Guimarães, seu cunhado, esposo de Heloísa.

E creia, Mãezinha, que se você não chorar tanto e ficar mais tranqüila, surgirá uma vida nova para nós todos. Meu pai necessita de sua força, de sua fé, e meus irmãos não podem dispensar o seu apoio. As crianças precisam de seu carinho e mais... Querida Mamãe, os filhos de outras mães contam conosco. Creia, estarei em suas mãos para o trabalho do bem ao próximo, orarei com as suas preces e cooperarei a favor dos outros com a sua cooperação.

Sempre estivemos em harmonia. Parece que os filhos transferidos para Cá são os mais lembrados, mas o próprio papai sabe que nós dois fomos sempre assim; os seus pensamentos nasciam em minha cabeça e as minhas palavras terminavam em seus sentimentos.

Não pode ser de outro modo, agora, mãezinha, que preciso tanto de você. Seu filho ainda está cansado e doente, muito doente e cansado de saudades de vocês todos, mas esse sofrimento é agravado pelos seus sofrimentos.

Ajude-me. É tudo o que peço ao seu carinho, ao qual nunca precisei solicitar coisa alguma. Entretanto, hoje, Mãezinha, conversamos como que separados por muro alto. Mas ouça. A minha voz é a mesma e o perfume das flores de confiança e ternura que plantamos nos dois lados não é diferente.

Meu pai, meu querido papai, desculpe estes arrebatamentos de seu filho, mas precisamos ver Dona Olga reajustada.

Querida Mãezinha, perdoe a seu filho e busque viver. Nossso amor cresceu tanto que precisa agora se encaminhar para o serviço aos outros, nas oficinas do bem, para que nos reencontremos nele, o amor bendito que Deus nos concedeu.

Ore, Mãezinha e auxilie-me. Não posso escrever mais.

Agradeço as amizades queridas que nos favoreceram a realização do entendimento em que me reconforto e beijo-lhes as mãos, queridos pais - meus queridos pais - com todo o coração agradecido, cada vez mais agradecido do filho que lhes deve todas as alegrias da vida e que lhes deixa, nestas palavras, todo o coração.

CARLOS ALBERTO

14.JUNHO.1974

II

Querida Mamãe, querido Papai, estamos aqui todos juntos. E peço a Deus nos abençoe, em nome dos corações que se reúnem aos nossos.

Abraçamos a querida tia Helena¹ em nosso carinho e estendemos esse carinho a todos os que, nesta hora, se fazem aqui a nossa família espiritual.

Venho, Mãezinha, na idéia de trazer-lhe a renovação de meu devotamento e de minha lembrança. O amor deve ser mantido sempre por chama viva na memória e a distância, no campo da presença ou da palavra que se faz presença em nossa vida, é como se essa chama viesse a esmorecer.

Creia, porém, com meu pai, que o filho em renovação não se acha ausente. Estamos naquela bendita integração de todos os dias, em que os nossos sentimentos se nutrem na mesma fonte de confiança e ternura. Não se deixe, querida Mamãe, abater pela saudade. Eu sei, sua abnegação me procura com a beleza e a persistência de um ímã.

1) Tia, Helena Sanzi Pupo Nogueira.

Maternidade é Deus no amor mais elevado que o mundo pode conhecer. Por isso, compreendo essa insatisfação convertida quase que em dor permanente. Guarde, no entanto, a certeza de que prosseguimos juntos, nas mesmas esperanças e nos mesmos anseios, compartilhando experiências e provas.

Papai sabe disso. Muitas vezes, em nossos diálogos, procuro infiltrar-me e falar por ele, auxiliando o seu pensamento a raciocinar com seu filho, porque, em verdade, Mãezinha, a sua fortaleza é a nossa segurança e a sua paz é a nossa alegria.

Tão belo é o apostolado das Mães, que a nossa querida Vovó Coleta está conosco, abraçando-nos e afirma ao seu coração e à querida Tia Helena que as mães são realmente assim: na Terra, são anjos escravizados aos filhos ausentes e na Vida Espiritual se fazem estrelas gravitando ao redor dos filhos que ficam entre os homens. Com elas, benfeitoras da vida, permanece a vigilância de Deus que é amor e paz, dedicação e luz, em todos os momentos da vida.

Ela, igualmente Mãe, pede à senhora, querida Mamãe, para restaurar-se na tranquilidade precisa; enquanto no mundo, estamos na escola bendita do trabalho alusivo ao nosso progresso. Perdoe a luta da existência pelas alegrias que futuramente recolhemos de todas elas, assim como agradecemos aos espinhos pelas rosas que nos ofertam.

Tudo, queridos pais, vai passando na Terra, com a rapidez do calendário. Hoje, as anotações de tempo são diferentes das de ontem e amanhã tudo será transformação. O tempo, no entanto, é uma força silenciosa, exigindo proveito e os dias que se convertem na felicidade de viver são aqueles em que temos o privilégio de fazer a felicidade dos outros.

Sofrer com serenidade é também fazer os outros felizes e, por isso mesmo, de minha parte, vou carregando igualmente o meu fardo de saudades, mas sempre iluminadas pela alegria de nosso reencontro.

Temos nossa Heloísa e nosso Antônio Carlos. E com eles as nossas crianças, Fanny, Marcelo, Ricardo são três amores que o Senhor nos concedeu para seguir de perto, de modo que amanhã possam traduzir no mundo os nossos propósitos melhores perante Deus².

Mãezinha, peço-lhe; viva querendo viver. Viva para a felicidade maior de meu pai e de meus irmãos com todos nós que buscamos em seu devotamento a força necessária para seguir adiante, com a fé guiando-nos o caminho.

Agora, reconheço, estou mais animado, mais forte. Sinto em meus pais queridos aquela presença do bem que é luz para todas as circunstâncias.

Tenho seguido os passos com que se

2) Sobrinhos, Fanny, Marcelo e Ricardo de Toledo Guimarães.

dirigem na construção do auxílio ao próximo. Agradeço a intenção com que o fazem. Noto-lhes a recordação fixada no filho que os antecedeu na Grande Mudança e fico reconhecido e feliz.

Essas crianças que abraçam ou das quais se lembram com o apoio abençoado da assistência fraterna, a me configurarem o rosto, nos encontros da caridade, sou eu mesmo; essas criaturas, por vezes, cansadas e batidas pelas agruras redentoras da Terra, a que endereçam concurso e beneficência, a me retratarem a presença no coração, sou eu também.

Um dia, Jesus explicou aos amigos que a migalha de amparo que dessem a qualquer necessitado do mundo, seria a ele que o fariam e hoje entendo essa lição.

Em verdade, não apresento confrontações. Jesus é Jesus e o filho pequenino que os abraça é o companheiro pequenino que busca hoje aprender onde todos nós encontramos os mais belos ensinamentos da Vida. Entretanto, refiro-me ao Senhor para reiterar a certeza de que os gestos de amor e paz, naqueles que mais amamos, em auxílio àqueles que necessitam de nós, são também nossos.

Mãezinha querida, meu querido pai, continuemos. O serviço aos semelhantes é um santuário invisível na Terra, mas claramente palpável no Mundo Espiritual. Entre as mãos que auxiliam e as mãos que recebem, brilham as mãos de Jesus,

multiplicando os bens da vida, na exaltação do amor que é Deus em nós.

Agora que reafirmo a presença constante em que me reúno aos pais queridos, sinto-me mais leve. É como se uma nuvem de saudade rebentasse no céu de meus pensamentos em chuva de reconforto e de alegria.

Querida Mãezinha, agradeço a compreensão para com o nosso querido Antônio Carlos. Pais queridos, cada um de nós possui um roteiro a seguir. O meu era curto, em nos referindo à existência da Terra e o de nosso Antônio Carlos é diferente. Estou satisfeito, observando o respeito com que vai sendo estimulado a realizar-se.

Querida Mãezinha prossiga abençoando a nós todos. Se pudesse, diria quanto valem para seus filhos a sua bondade e seu entendimento, mas a palavra desfalece no raciocínio quando procuro filtrar impressões de filho, através do lápis. Por isso, Mãezinha, beijo as suas mãos e consolo-me da incapacidade em que me vejo para externar o que sinto. Deus a engrandeça em sua missão de luz e amor.

Agradeço à Tia Helena, os pensamentos de reconforto.

Conosco, outros amigos se encontram aqui, prometendo auxiliá-la. O irmão Cassiano, um amigo entre nós, pede para agradecer à Tia Helena os votos de paz em favor do neto José Roberto que voltou, há pouco tempo, para a Vida Maior.

A família receberá notícias dele, em momento oportuno³.

Queridos pais, o tempo vai seguindo, sem pausa. O relógio parece o coração da própria vida e os segundos obedecem a compasso certo, qual ocorre ao coração robusto no corpo são.

É verdade. As horas passam, entretanto, termino esta carta com o amor que nunca se altera. Modificam-se as situações e as formas se modificam, no entanto, nós em espírito, somos sempre os mesmos, nos laços de união em que Deus nos criou, uns para os outros.

Pais queridos, recebam minh alma, guardem meus pensamentos. Lembranças a todos os que o Senhor nos concedeu como sendo nossos tesouros no mundo e recebam, querida Mãezinha e meu querido Pai, todo o amor e todo o agradecimento do filho que, hoje e sempre, lhes entrega o próprio coração.

Sempre o filho e companheiro reconhecido,

CARLOS ALBERTO

13.SETEMBRO.1975

3) Irmão Cassiano, Benfeitor Espiritual de José Roberto Pereira Cassiano, o Shabi, co-autor espiritual do livro Filhos Voltando, lançamento GEEM.

III

Querida Mamãe e papai querido, Deus nos proteja sempre.

O tempo nos amadurece o raciocínio, mas, em verdade, o amor nos conserva na simplicidade da infância.

Quase nove Dezembros sobre a minha vinda para cá, os ensinamentos se acumularam por dentro de meu coração, a existência assumiu aspectos novos, as lutas me renovaram; no entanto, ao revê-los, mais de perto, nas faixas da vida física, anseio regressar à intimidade de nossa casa de minha meninice para ser o afeto dos pais queridos nas alegrias de nossa união.

Creio hoje que o espírito mais sábio terá um grande momento em que retorna pelo amor à felicidade do princípio. Deve ser por isso que Jesus nos haverá dito que ninguém entrará no Reino dos Céus, sem observar-se criança.

Quero, desse modo, esquecer todas as escolas beneméritas pelas quais tenho passado, desde o meu regresso, com imenso respeito por todos os mentores que me ampararam, a fim de me identificar novamente menino para agradecer a Deus essa doce dependência em que me doaram

tanto amor e me enriqueceram de esperança e de carinho.

Mãe, não se deixe vencer pelo desânimo. Parece que a solicitação é repetida, mas as palavras, qual acontece com os dias, nunca se refazem inteiramente.

Cada dia apresenta um semblante próprio e cada frase, conquanto se nos afigure semelhante a outras na estrutura em que se entetece, é muito diversa das outras, articuladas anteriormente, porque, de modo especial, entre os filhos e os pais, os vocábulos são carregados de emoções novas e o meu apelo de hoje tem quase nove anos de carinho e confiança, a esperar que o coração querido do anjo-mulher que me trouxe ao mundo esteja erguido a Deus nas luzes da alegria e da paz.

Mãe querida, em me dirigindo à sua ternura, tenho os pensamentos em meu pai a reuni-los num só abraço de reconhecimento. Rogo a Jesus para que ambos estejam felizes.

Indiscutivelmente a saudade tem a força implacável do tempo. Ainda assim, embora saiba que a nossa carência afetiva no relacionamento a três não mudou de aspecto, espero que permaneçamos conscientes de que Deus não nos abandona. A ausência de minhas notícias escritas não significa omissão.

A nossa integração nunca se altera e somos os três um só coração de tríplices esperanças, contando com a Divina Providência, a fim de

vencermos qualquer dificuldade que se nos apresente em caminho.

Sei quanto fazem para que nossos deveres estejam fielmente cumpridos e creiam que vou aprendendo a trabalhar mais, de modo a edificar para nós todos um futuro melhor.

Penso que ambos percebem a nossa presença nas pequenas ocorrências da vida diária, porque, em todos os lances de nossa estrada, quanto possível, estou a postos, procurando, de algum modo, colaborar a fim de que estejamos em paz. E enquanto cedem tempo e recursos no reconforto aos corações que sofrem na terra, desconsolados e infelizes, vou adestrando sentimentos e forças no aprendizado novo.

Com a supervisão dos meus queridos avós Affonso, Arthur e Coleta, vou aprendendo a ver nos companheiros sofredores de Cá o retrato dos meus queridos irmãos Antoninho e Marília¹, Heloísa e Flávio e nos meus e nossos queridos Ricardo, Fanny e Marcelo, vejo outras crianças que me cabe auxiliar. A família ampliou-se. Por isso, Mãezinha querida, é que lhe peço alegria e serenidade.

Na própria dor da saudade encontramos o bálsamo da fé e confiando em Deus venceremos as masmorras da morte que, a rigor, não são cárceres, senão pela falta que experimentamos uns dos outros, no campo das emoções que se ma-

1) O irmão Antônio Carlos e sua esposa, Marília de Toledo Braga.

terializam aí e aqui, de maneira diferente!

Sigamos Jesus, trabalhando. Em todos os apelos do Mestre Divino, encontramos a receita do trabalho e da ação, soerguendo-nos do chão de nossas mágoas para o Alto de nossas melhores aspirações.

“Levanta-te e anda”, “toma a tua cruz e segue-me” - são convites imortais que nos impulsionam a erguer o sentimento e a seguir sempre - sempre adiante procurando servir mais, a fim de merecermos maiores oportunidades de trabalho sem esmorecer nas estradas para a frente...

Pai querido, rogo dizer ao nosso Antônio Carlos que estamos juntos, buscando associar-nos às novas iniciativas em que ele e a nossa estimada Marília surpreendem novos horizontes para melhores realizações.

Quanto ao nosso Flávio, com o auxílio de nossos Maiores, vemo-lo desfrutando mais saúde ao lado de Heloísa e das crianças, construindo felicidade e progresso.

Meu avô Affonso solicita seja a Mãezinha informada de que a Tia Affonsina chegou muito bem ao nosso campo de ação e enquanto se restaura, quanto às próprias forças espirituais, nossa Tia Filomena é agora o ponto essencial de nossas atenções².

2) Tias maternas, Affonsina Sanzi Mendes e Filomena Sanzi Lopes, filhas do avô Affonso. Como o leitor observa no texto, Tia Affonsina já se encontrava no Plano Espiritual quando Carlos Alberto escreveu a mensagem. A Tia Filomena desencarnou meses depois.

A família não desaparece. Lutemos pela tranqüilidade uns dos outros e amar-nos-emos cada vez mais até que nos integremos todos na família humana, junto da qual o Senhor nos ensina a exercer o amor sem limites.

Não disponho de muito tempo a mais, no entanto, amigos do nosso grupo de orações recomendam seja dito aqui aos amigos Pedro Valvano e à sua esposa que a irmã Doca esperou o Eddie que se encontra em repouso terapêutico. O aviso procede de nossa própria irmã que presente às nossas preces nos solicita a transmissão de semelhante noticiário³.

E, conquanto a limitação de tempo, devo ser portador do pedido de coragem e paz que a irmã Iolanda Cotrim dirige ao coração materno da irmã Diva, crucificado em saudades que lhe dilaceram a alma toda⁴.

Outros amigos presentes me fazem o modesto mensageiro de saudações e lembranças. Que os pais e mães, filhos e amigos presentes não nos recordem na morte e sim na Vida, porque somente a vida brilha e reina em toda a parte.

Pais queridos, o meu afeto aos familiares todos - Sanzi e Toledo⁵. Nosso Nasser abra-

3) Irmã Doca, Maria Aparecida Sica, amiga do casal Valvano, também lembrado por Carlos Alberto. Irmã Doca faleceu em 1975. Eddie desencarnou no Rio de Janeiro em 1977 e sua mãe Francisca Odete Barroso Valvano, com o padrasto Pedro Valvano, se encontrava em Uberaba, quando da recepção desta mensagem.

4) D. Diva Cotrim, também presente à reunião. Iolanda, sua filha, domiciliada no Plano Espiritual.

5) Sanzi pelo lado materno e Toledo do lado paterno.

ça o papai presente conosco, João Luiz beija as mãos de nossa irmã Elisabeth e todos os companheiros, jubilosos, oram em cores de alegria e de esperança⁶.

Mamãe querida e querido papai, mais uma vez recebam todo o amor com a imensa gratidão do filho reconhecido, neste momento mais criança, para demonstrar-lhes mais confiança e mais amor no carinho de sempre.

CARLOS ALBERTO

28.JANEIRO.1978

6) Elisabeth, genitora de João Luiz Palatinus, co-autor espiritual deste livro.

Nasser Miguel Haddad, filho de Shirley e Miguel Nasser Haddad, deixou nosso convívio em 1974. Seu genitor, na época ainda encarnado, veio a falecer em 1979.

IV

Querido pai, querida Mãezinha, o coração pede-lhes a bênção.

Sou eu mesmo. Por vezes, somos compelidos a longos intervalos, no espaço de tempo que nos marca as notícias do Mais Além para o ninho de amor da retaguarda. Isso não significa esquecimento.

O trabalho, em muitas fases do caminho, se intensifica de tal modo que, embora vinculados aos entes queridos que nos tomam a memória, reconhecemo-nos induzidos a serviço árduo.

Quero dizer à Mãezinha para que não se aflija. Estou na condição do filho escalado para atividades a distância e, assim mesmo, essa distância não é um fenômeno de quilometragem e, sim, problema de padrão vibratório, de vez que vivemos no clima do longe-perto, sempre integrados espiritualmente nas realizações uns dos outros.

Compreendo. Corações maternos são continentes de amor no oceano da vida. Aí, nesses campos abençoados de esperança e carinho, ao que me parece, os filhos possuem vida própria, acima de todas as outras existências.

Por isso mesmo, a saudade é sentida e experimentada com a lupa do sofrimento que nasce da imaginária separação. Creia, porém, querida Mãezinha, que a lembrança em mim permanece cada vez mais viva.

Quando em seus momentos de meditação e silêncio, o seu pensamento registra uma alegria interior, ao modo de flor no espinheiral da aflição, alegria, às vezes, rápida e quase imperceptível, freqüentemente sou eu mesmo a lhe pedir coragem e fé, paciência e serenidade.

O tempo de cada um na experiência física apresenta medidas próprias. E se os meus dias não deveriam ultrapassar o Dezembro de quase nove anos passados, esperamos que a sua preciosa existência se alongue por muitas e muitas oportunidades de trabalho e de paz, de carinho e dedicação, junto do papai e dos irmãos, além dos demais familiares que lhe rogam presença e auxílio, convivência e compreensão.

Não me cansarei de pedir-lhe mantenha o seu propósito de viver com alegria. A saudade mora igualmente aqui neste Outro Lado das vivências humanas, no entanto, essa bênção que, no fundo, é o sinal azul da felicidade que passou no trânsito de nossas vidas, vem até entre nós para que a transformemos em esperança e certeza no reencontro.

Coragem, Mãezinha! Estamos juntos, num trio de forças, a trabalhar pela tranquilidade da Heloísa e dos filhinhos Fanny, Marcelo e Ri-

cardo que hoje já não são tanto as crianças tenras de ontem, tanto quanto nos compete agir em benefício do nosso Antônio Carlos e da nossa Marília, credores de nosso devotamento e de nosso amor.

Mãezinha, nem sempre o auxílio é aquele apoio amoldado que vale sempre por bênção de Deus, na solução das necessidades humanas, porque, muitas vezes, o socorro de profundidade se realiza em algumas palavras de entendimento e bondade e na atitude de imanifesta cooperação, com que se levanta a fé e o bom ânimo nos corações desfalecentes. Não esmoreça.

O carinho materno tem sempre enormes encargos a cumprir e precisamos de sua paz e de sua fé em Deus para que estejamos mais fortes sob o ponto de vista de grupo. Não nos separemos. Conserve a certeza disso.

Auxilie ao papai com a sua fortaleza espiritual e com a ternura de sua colaboração. Reconheço em meu pai um tronco verdejante, a produzir frutos de bondade e serviço ao próximo, no entanto, sei que nas raízes esse tronco vigoroso e abençoado necessita de seu amor no qual simbolizo a fonte oculta que lhe sustenta a seiva.

Agradeçamos a Deus todas as alegrias que nos visitam constantemente e entreguemos aos Céus as provas pequeninas que, porventura, nos visitem. Deus nos resguardará.

Querido Papai, o vovô Arthur tem sido para mim um mentor e amigo constante. Ele e

os irmãos Armando e Fontes¹, que conheço por amigos desse coração generoso que nos ama tanto, muitas vezes, me oferecem ensejos valiosos de trabalho e instrução que, por agora, não saberia definir.

As nossas tarefas prosseguem aqui num ritmo que nos acompanha o esforço na assimilação dos talentos recebidos e, graças a Deus, vamos cooperando nas realizações de que necessito, a fim de ser um filho mais útil e um amigo capaz de oferecer mais proveito àqueles que o amam.

Agradeço por todo o amor que me ofertam, amor que é, ainda e sempre, a minha maior riqueza. Peço seja dito ao nosso Antônio Carlos para que não desanime nas faixas novas de trabalho a que se viu conduzido. Pouco a pouco, os problemas serão afastados e a perseverança nos confirmará a edificação do melhor que sonhamos para a Terra e para o Mais Além.

Vários amigos estão conosco, dentre os quais os dois Robertos, Beto e Shabi, o Nasser, o Paulinho² e outros companheiros que dividem conosco a felicidade de aprender e trabalhar. Todos se recomendam aos entes queridos, de coração reconhecido às bênçãos que nós todos inces-

1) Ainda não identificados.

2) Shabi e Beto são os autores espirituais do livro FILHOS VOLTANDO, edição GEEM.

Nasser é lembrado também na mensagem anterior.

Paulinho, Paulo Guimarães Barreto, faleceu em São Luís do Maranhão no ano de 1975.

santemente recebemos.

Querida Mãezinha Olga, as tias vão bem³ e a família de cá nos assiste a todos com a devoção afetiva de sempre.

Agora, devo terminar. Pai querido, o Vovô Arthur em nossa companhia o abençoa, com o mesmo carinho no qual lhes peço me abençoem.

E, reunindo a ambos, meu querido pai e minha querida Mãezinha, no abraço filial que lhes envio diariamente no sem-fio da lembrança, beija-lhes as mãos queridas o filho de sempre cada vez mais reconhecido.

CARLOS ALBERTO

11.NOVEMBRO.1978

3) Referência às tias Affonsina e Filomena, já identificadas.

V

Querida Mãezinha Olga e querido pai, estamos unidos nas mesmas preces a Deus por nossa paz e bom ânimo.

Não me suponham ausente. O trabalho, nos dias de agora me absorvem, impelindo-me a responsabilidades, nas quais preciso me alegrar.

Desejo, porém, afirmar-lhes que não me desligo de nossos quadros de carinho e paz em família. Felizmente, vejo a mamãe Olga menos traumatizada. A saudade é uma cicatriz dolorida em nossos corações, mas a esperança formou sobre a nossa ferida de separação a película da confiança em Deus. Com isso, vamos entesourando mais segurança.

Mãezinha, é preciso facear as ocorrências da vida com essa coragem de que o papai se nos fez constante doador.

Lutemos por nós mesmos dentro de nós e com todas as nossas forças, para edificar aquele estado espiritual de fé viva que conhecemos sob o título de aceitação, no dicionário de nossa vida interior.

Os pais queridos não me perderam. Contam na atualidade com um companheiro aten-

to na Vida Espiritual que a todos nos reunirá no futuro, no mesmo clima de paz. Ao lado de ambos, venho colaborando pelo êxito de nosso Antônio Carlos e de nossa Marília nas tarefas que empreendem. Busquemos encorajá-los a que perseverem, unidos, como sempre, na realização do serviço para o bem.

Relativamente à nossa Heloísa e ao nosso Flávio, diligenciamos estender aos dois as nossas modestas possibilidades de irmão e, assim, vamos colhendo os frutos de nossas aspirações, encontrando-se cada um no melhor que se lhes faz possível realizar.

Em tudo isso, não tenho estado só, como é natural. O vovô Arthur é um companheiro infatigável, apontando-me caminhos certos e cooperando na solução dos problemas de que participo com a finalidade de auxiliar para o bem de todos.

Queridos pais, a nossa irmã pelo coração Teresa Cuppoloni indagou pelo filho e posso adiantar-lhes que ele prossegue sob amparo seguro¹.

Muitas vezes, simples contatos amistosos ou diálogos entre amigos surgem aqui em nosso meio por atrações agradáveis de trabalho e, por esta razão, estamos juntos não apenas em tudo aquilo que nos diga respeito à equipe domés-

tica, mas em todo extenso mundo de nossas relações.

E somos gratos por todas as oportunidades de ação que se nos apresentam, porquanto, onde vivo agora, as tarefas complementadas no bem valem promoções e salários espirituais que nos cabem buscar, não pensando em benefício aos outros, mas sim em apoio e vantagem para nós mesmos.

Agradecemos todas as portas que nos descerram ao exercício de nossos conhecimentos edificantes, que, afinal, de nós todos, onde estivermos, aguardam a prática precisa.

Meu querido Papai e querida Mamãe, aos irmãos, e a todos os nossos entes queridos, as minhas lembranças de servidor que se sente hoje amplamente servido com a possibilidade de servir e recebam os dois num só abraço, o respeitoso beijo de muita gratidão e de muito carinho do filho sempre companheiro e sempre amigo.

CARLOS ALBERTO DE TOLEDO

23.MAIO.1981

1) D. Teresa e o marido, Dr. Edmundo Rossi Cuppoloni, encontravam-se presentes à reunião. O filho, Marco Aurélio Pedroso Cuppoloni, desencarnou no Guarujá - SP, aos 15 anos de idade, em 1980.